

Cinema do Brasil
na disputa por
prêmios no Bafici



PÁGINA 3

Marquinhos de
Oswaldo Cruz
lança 'Agbo Ato'



PÁGINA 5

'Ray e Alaska'
conquistam a
plateia de Curitiba



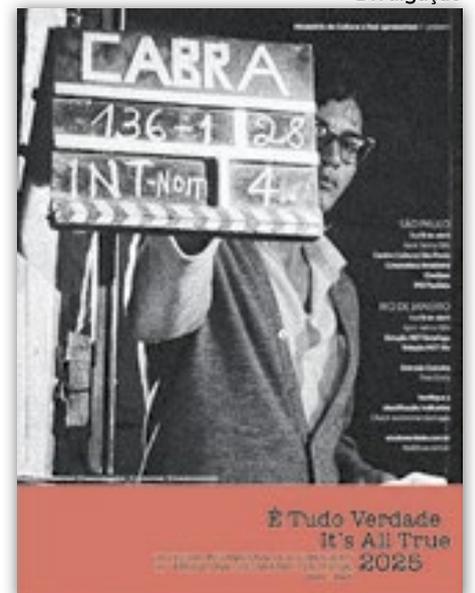
PÁGINA 7

2° CADERNO

Maira Moraes/Divulgação



Divulgação



Vladimir recebe homenagem do 'É Tudo Verdade', que em seu cartaz estampou foto do documentarista no set de 'Cabra Marcado pra Morrer', de Eduardo Coutinho, de quem foi assistente

Vladimir Carvalho, presente!

É Tudo Verdade revisita a obra de um dos papas do documentário latino-americano, com longas que revisitam tesouros da literatura, ícones da política e feras do rock

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

De luto pela perda de Vladimir Carvalho (1935-2024), que partiu em 24 outubro, sem pedir licença à saudade da gente, o É Tudo Verdade – o maior festival de documentários da América Latina – abre uma seção dedicada ao mestre paraibano da não ficção em sua edição n°30, que zarpa nas telas a partir desta quinta-feira. Rola no RJ e em SP. A abertura em terras cariocas é só para convidados, com sessão de “Viva Marília”, de Zelito Viana, às 20h30, no Estação Net Botafogo. O pacote Vladimir começa por aqui já na sexta, com “O Engenho de Zé Lins”, filme ganhador do Prêmio Especial do Júri no Festival de Brasília de 2006. Tem exibição dele às 16h, no Estação NET Rio.

Imortalizado com a escalação de seu nome para (re)batizar uma sala de projeção de vital importância no Distrito Federal e com um painel no circuito Estação, Vladimir estampa o cartaz do É Tudo Verdade deste ano. Usa-se uma foto de sua juventude, no início dos anos 1960, nas filmagens de “Cabra Marcado Para Morrer”, de Eduardo Coutinho (1933-2014). Ele integrou a equipe do mítico .doc interrompido por ações do governo (o militar) em 1964 e só retomado duas décadas depois. **Continua na página seguinte**

Associado à Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood (leia-se a fonte do Oscar), o evento organizado pelo crítico Amir Labaki acontece até 13 de abril, com 85 produções de 30 países. Entre os títulos mais esperados, destaca-se “Holding Liat” (“Esperando Liat”), do americano Brandon Kramer, ganhador do troféu de Melhor Documentário na Berlinale, em fevereiro. É o relato do sequestro de uma mulher em meio ao conflito entre Israel e Palestina.

A seção dedicada a Vladimir vai projetar ainda “O País de São Saruê” (1971); “O Homem de Areia” (1981); “O Evangelho Segundo Teotônio” (1984); “Conterrâneos Velhos de Guerra” (1991); “Barra 68 - Sem Perder a Ternura” (2000); “Rock Brasília - Era de Ouro” (2011); “Cícero Dias, O Compadre de Picasso” (2016); e “Giocondo Dias - O Ilustre Clandestino” (2019). Esse último título, seu canto de cisne, terá exibição no Rio no dia 12, às 16h, no Estação NET Rio.

“Nunca vi o cinema como expressão de um deleite próprio e, sim, como um instrumento de reação, como um veio de participação na sociedade que nos leve à mudança”, disse Vladimir ao Correio da Manhã, meses antes de sua morte.

Partiu aos 89 anos. Deixou uma obra lotada de cults, alvo de dissertações e teses de doutorado em universidades de diferentes cantos de seu país natal, a começar pela Paraíba, estado onde nasceu, na cidade de Itabaiana. O DF foi sua casa mais duradoura. Rodou por lá pepitas como “Rock Brasília” (2011). “Desde que me instalei na capital, no Centro-Oeste, já faz meio século que filmo a Esplanada dos Ministérios, a partir da ideia de que ela era destinada ao recreio das famílias nos domingos e feriados”, contou o cineasta ao Correio, há cinco anos.

Fora os filmes que fez e as aulas que lecionou, Vladimir ainda apresentou o audiovisual de sua



Reprodução



Divulgação Mubi

Vladimir Carvalho no set de filmagens de ‘O País de São Saruê’ (1971), um retrato sobre a seca em sua Paraíba natal, um dos filmes em exibição na seção dedicada ao documentarista

O multipremiado ‘Holding Liat’, de Brandon Kramer, é um dos títulos mais esperados no ‘É Tudo Verdade’ deste ano

Festival traz 85 narrativas documentais de 30 países

pátria com um de seus mais aclamados diretores fotografia: Walter Carvalho, de quem era irmão mais velho. Vladimir criou Walter, quando eles ficaram órfãos de pai e aplicou-lhe Bob Dylan e a poesia de João Cabral de Melo Neto (1920-1999) nas veias,

num estímulo à formação artística do caçula, que também virou cineasta, lançando pérolas como “Moacir Arte Bruta” (2005) e “Budapeste” (2009).

Jornalista e professor, Vladimir integrou a equipe do clássico “Aruanda” (1960), de Linduarte

Noronha (1930-2012). “No Liceu paraibano, fui aluno de Linduarte, que era mais velho do que eu uns cinco anos. Voltamos a nos encontrar quando eu já escrevia crítica de filmes nos jornais. Quando ele ganhou um prêmio internacional de fotorre-

portagem, resolveu adaptar um outro texto seu sobre um ex-quilombo. Ali, ele chamou a mim e a João Ramiro Mello para escrevermos juntos o roteiro”, recordou-se Vladimir, em entrevista na época da pandemia, em 2020. “Lembro-me da viagem de reconhecimento do tema, subindo a serra do Talhado por uma estradinha carroçável recém-aberta, sob um sol de 40 graus. Ali eu me tornei cineasta”.

Respeitado por sua discrição, Vladimir passou à condição de realizador ao pilotar os planos de “A Bolandeira” (1968). No sertão da Paraíba, as chamadas “bolandeiras”, rústicos engenhos de madeira que fabricam mel e rapadura, operados por tração animal e humana, subsistem, mas se tornam cada vez mais raros, substituídos por equipamentos mais modernos, a motor. Um modo de vida que cercava aquele engenho do passado está fadado a desaparecer. Essa curta seminal de Vladimir fala sobre essa desapareição. Seu tema, de costume, era a erosão de antigas práticas, o que ele abordava sempre de forma discreta, vide sua abordagem recorrente de falências (e resiliências) utópicas.

“Luto sempre para que o cinema reaja ao que está aí. Em momentos de guerra, o cinema serve como um veio para expor as relações da sociedade com o Poder. Mesmo naquelas narrativas em que a pesquisa de linguagem prevalece, é preciso que haja uma reação. A poesia nasce daí”, explicou o cineasta ao Correio. “Todo filme nasce de uma conjuntura. Qualquer material que caia em minha mão, e me sugira que ali possa haver um filme a ser feito, leva-me a uma reflexão para que eu não aceite o que me é dado sem refletir sobre seu sentido e sobre sua conexão com a realidade conjuntural ao nosso redor”.

Em 2022, Vladimir ganhou um biopic documental, “Quando A Coisa Vira Outra” (2022), de Marcio de Andrade, que, no streaming do Brasil, pode ser visto no Claro TV+.



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Dirigido por Moara Passoni com foco nas descobertas afetivas de uma menina, “Minha Mãe É Uma Vaca” é a única produção brasileira na competição oficial do Festival Internacional de Cinema Independente de Buenos Aires, conhecido e celebrado apenas como Bafici, que inicia nesta quarta as disputas de longas, curtas e produções portenhas. Em meio ao som e a fúria do turbilhão conservador do governo Javier Milei, numa administração sem carinho pela produção cultural da pátria natal de Jorge Luis Borges e Julio Cortázar, o evento abriu suas atividades na noite de terça com o bom humor de “Upa! A Springtime in Athens”, de Tamae Garateguy, Santiago Giral e Camilla Toker.

Foi uma forma de demarcar a potência da Argentina na telona, a partir do recorte curatorial estruturado sob a direção artística do crítico Javier Porta Fouz. Seu desenho dá plena atenção aos hermanos de América do Sul. Não por acaso, a distopia de CEP amazônico que rendeu o Grande Prêmio do Júri ao Brasil na 75ª Berlinale, em fevereiro, ganha lugar de honra na grade de Porta Fouz: “O Último Azul”, de Gabriel Mascaro. Desde o Festival de Berlim, o planisfério cinéfilo louva o desempenho (colossal) da atriz Denise Weinberg numa Amazônia assombrada pelo etarismo.

No enredo desse river movie de Mascaro, o governo brasileiro passa a transferir idosos para uma colônia habitacional para eles “desfrutarem” seus últimos anos de vida em isolamento. Antes de entrar na faixa de seu exílio compulsório, a septuagenária Tereza (vivida por Denise) embarca em uma jornada para realizar seu último desejo: ter



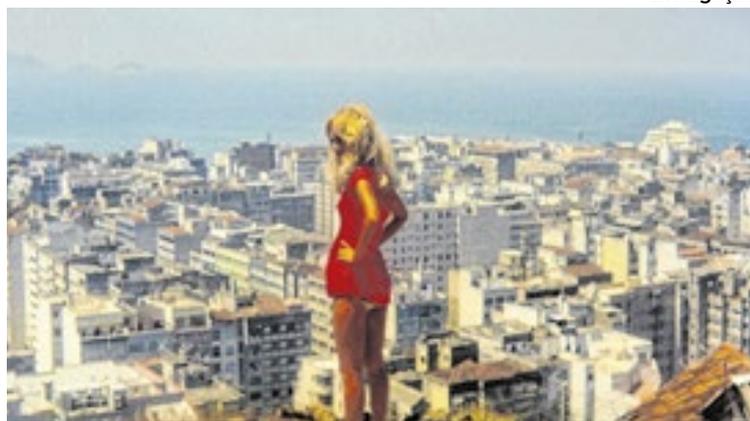
Tereza (Denise Weinberg) vive aventura ao lado do barqueiro vivido por Rodrigo Santoro



‘Minha Mãe É Uma Vaca’ está na competição oficial do festival de Buenos Aires

Esquadra do Brasil em telas ‘hermanas’

O premiado ‘O Último Azul’, experimento de Julio Bressane e curtas repletos de poesia levam um panorama vibrante do cinema brasileiro às telas do Festival Internacional de Buenos Aires, o Bafici



‘Relâmpagos de Críticas, Murmúrios de Metafísicas’, de Julio Bressane e Rodrigo Lima

dignidade... para com ela ser livre. Para isso, enfia-se numa jornada fluvial com direito a um barqueiro de coração partido (Rodrigo Santoro) e uma vendedora de Bíblias digitais (interpretada pela cubana Miriam Socorrás). “Tentei romper com a mitologia dos ritos de passagem, retratando uma possibilidade

de libertação para corpos que, já idosos, são tratados como dissidência pela sociedade”, disse Mascaro ao Correio da Manhã. “Quando meu avô morreu, minha avó, com 80 anos, começou a pintar loucamente, cheia de força. Foi uma inspiração singular. Fazer um filme cheio de escuta e de respeito pela



Tem brasilidade ainda no curta ‘Vollúpya’, de Éri Sarmet e Jocimar Dias Jr

realidade amazônica - construído com cerca de 20 atores de lá e uma equipe cheia de profissionais de lá - foi uma forma de celebrar o Brasil”.

Mestre absoluto das estéticas de invenção, Julio Bressane participa do Bafici com “Relâmpagos De Críticas Murmúrios De Metafísicas”, um experimento nas raias da

arquivologia elaborado a quatro mãos com o montador Rodrigo Lima.

Tem brasilidade ainda no curta “Vollúpya”, de Éri Sarmet e Jocimar Dias Jr. Sua exibição ocorre na seção Lugares, centrada em territórios. Sua trama envolve um futuro distópico, um VHS encontrado em uma lata de lixo e uma fita magnética que transporta um viajante do tempo para uma pista de dança quente. A partir de uma mirada pautada pela ficção científica e uma costura de 13 horas de arquivos audiovisuais, o filme mergulha na noite queer, a partir do boliche homônimo que funcionou de 1992 até o início deste em Niterói.

Vai ter Bafici até o dia 13. Atenção a que se fez de melhor na Europa, na Ásia e na África, o radar de Fouz apitou diante da chance de exibir o aclamado “O Ano Novo Que Nunca Veio”, de Bogdan Muresanu (Romênia), em sua seleção oficial. Ainda no pacote entram: “Voyage Au Bord De La Guerre”, de Antonin Peretjatko, e “Les Barbares”, de Julie Delpy (França); o ganhador da Concha de Ouro “Tardes de Soledad”, de Albert Serra (Espanha); “Levados Pelas Marés”, de Jia Zhang-ke (China); “Misty - A História de Erroll Garner”, de Georges Gachot (Suíça); “Spermageddon”, de Tommy Wirkola e Rasmus A. Sivertsen (Noruega); “La Vita Accanto”, de Marco Tullio Giordana (Itália); “Reflet Dans Un Diamant Mort”, de Hélène Cattet e Bruno Forzani (Bélgica); e (o estonteante) “Pai Nosso - Os Últimos Dias”, de Salazar de José Filipe Costa (Portugal).

Divulgação

Divulgação

Divulgação

Os orixás dançam

Divulgação

Compositor e pianista André Balboni explora elementos jazzísticos em álbum que reverencia a mitologia do candomblé num trabalho que vai além do conceito da música de terreiro

Por Affonso Nunes

O compositor e pianista André Balboni mergulhou na tradição afro-brasileira para criar seu mais recente álbum, “Dança dos Orixás”, um trabalho meticuloso de pesquisa que propõe um encontro entre as religiões de matriz africana e o jazz. Um jazz que remete a Moacir Santos (1926-2006), imprimindo ao trabalho uma identidade genuinamente brasileira. O álbum homenageia Exu, Pomba-Gira, Iemanjá Ogunté e ainda revê a clássica “Igrejinha” de Hermeto Pascoal.

“Dança dos Orixás” foi escrito e produzido para uma formação de jazz tradicional: bateria, contrabaixo, piano, saxofone, trompete e percussão. “A proposta é destacar a tradição da música brasileira, que abrange desde a música de terreiro do candomblé até os afro-sambas e o jazz brasileiro”, explica Balboni cujas composições reverenciam a chamada música preta brasileira, extraindo de seus ritmos e harmonias uma sonoridade essencialmente dançante, capturando a vitalidade e o axé das entidades religiosas.

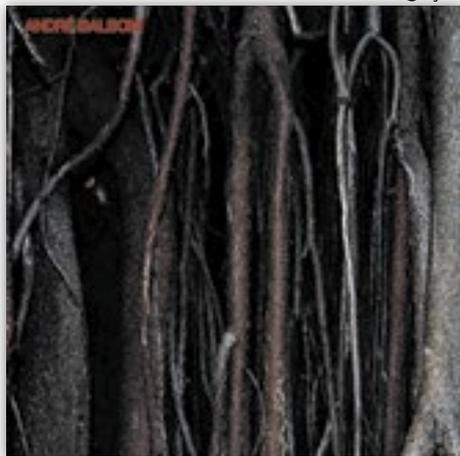
Além da excelente banda formada músicos de destaque da cena jazzística de São Paulo e com a participação especial da premiada saxofonista Sintia Piccin, o disco foi gravado ao vivo no estúdio do compositor.

A produção contou também com a mentoria do babalorixá Pai Sidnei, da Casa de Xangô, que acompanhou o projeto desde



André Balboni (ao centro no fundo) com os integrantes da banda: o álbum ‘dança dos Orixás’ foi gravado ao vivo no estúdio do pianista e compositor

Divulgação



sua concepção. Esse trabalho a quatro mãos foi fundamental para assegurar ao disco não apenas a reverência a tradição do candomblé, mas também a propagação do impulso espiritual dos orixás para além dos terreiros.

“Em tempos de rigidez, dureza e ódio, precisamos fluir, os Orixás dançam. Eles nos ensinam que é na melodia existencial que nos encontramos para amar, para existir sem medo. A Dança dos Orixás não é apenas música — é vida, é alegria, é ar,

fogo, terra e água traduzidos pelos sons que se encontram no centro da encruzilhada e geram uma espiral de múltiplos sentidos”, comenta o líder espiritual.

O compositor conta que idealizou a concepção estética do álbum a partir dos passos das danças de cada orixá, pois é através da coreografia e do toque dos instrumentos de percussão que os orixás se manifestam, de forma intuitiva e não verbal. “No disco, os instrumentos musicais funcionam como cantos dos orixás, com cada composição representando uma faceta única dessas entidades através da magia do ritmo, da melodia e da harmonia. ‘Dança dos Orixás’ não se trata de música de terreiro, mas uma oração e homenagem aos orixás traduzida para uma estrutura musical acessível a uma outra parcela do público que é o jazz”, destaca Balboni.

Na faixa “Encruzilhada: Dança de Exu”, por exemplo, Balboni cria um ambiente propício para improvisos polirrítmicos e polifônicos, onde cada músico escolhe uma escala modal para desenhar uma melodia, simbolizando os múltiplos caminhos de Exu. A música busca evocar o tom de abertura e a ideia de escolha de rumos, como se a encruzilhada fosse um ponto de decisão.

Outro exemplo: Em “Dança de Logun Edé”, a batida tradicional de ijexá, associada

ao orixá conhecido por sua beleza, é permeada por influências dos afro-sambas de Vinícius de Moraes e Baden Powell.

Cada composição no álbum reflete a presença de um orixá, seja no ritmo, na melodia ou na harmonia. Assim, os orixás aparecem e desaparecem nas danças e provocações sonoras, seguindo a tradição de grandes nomes como Dorival Caymmi, Vinícius de Moraes, Baden Powell e Moacir Santos, que também buscaram trazer à tona as questões essenciais da música dos orixás.

André Balboni é um músico e compositor brasileiro residente em São Paulo. Seus trabalhos mesclam jazz e música clássica, com influências que vão de Villa-Lobos a Tom Jobim. Além de compositor de trilhas sonoras para filmes e documentários, Balboni é professor e produtor musical. Em sua carreira, gravou e produziu três álbuns: “Ser-Tao” (2019), inspirado no “Grande Sertão: Veredas” de Guimarães Rosa; “Satie For Lovers” (2021), uma homenagem ao compositor francês Erik Satie; e “Cais” (2024), com composições próprias e de Dorival Caymmi e Milton Nascimento. Balboni também é estudioso da interface entre música e filosofia e publicou o livro “Sopro das Musas - Fundamentos filosóficos da música” (2018).

Um porta-voz de ancestralidade

Leo Aversa/Divulgação

Tal qual um griô dos dias de hoje, Marquinhos de Oswaldo Cruz canta as tradições do samba e de sua gente no excelente álbum 'Agbo Ato'

Por Affonso Nunes

O samba é a herança mais visível da influência dos povos africanos na formação da cultura brasileira. E fazer samba e viver dele vai muito além dos princípios do mercado musical. Assim pensavam os bambas do passado e assim pensa Marquinhos de Oswaldo Cruz, um legítimo herdeiro dessa linhagem tal qual um griô a transmitir sabedorias. Figura central na defesa do samba carioca e de suas tradições, Marquinhos apresenta seu sexto álbum, "Agbo Ato" (Deck), uma síntese da vivência do compositor e sua conexão com a Portela, reverenciando nomes que moldaram sua trajetória, como Monarco, Argemiro e Jair do Cavaquinho.

"Os mais velhos da Portela sempre me apoiaram. E Manacéa me dizia para fazer o que vinha no coração. Adotei esse ensinamento como regra. Manter isso (o samba de raiz) sempre foi difícil para minha geração. Mas não vou fugir desse destino", diz o artista ao Correio da Manhã.

Ao contrário de seus trabalhos anteriores, o álbum é o primeiro que o artista lança por uma gravadora. "Chega a ser surpreendente um artista de 63 anos assinar com uma gravadora. Sou grato à Deck por todo apoio e condições para fazer um trabalho com essa qualidade", disse Marquinhos. E que qualidade. A sonoridade do disco reforça o elo com as tradições do samba. Os arranjos de Marlon Sette e a presença de músicos como Cláudio Jorge, Carlinhos Sete Cordas e Luizinho do Jêje garantem um resultado sofisticado e



Marquinhos de Oswaldo Cruz: 'Os mais velhos da Portela sempre me apoiaram. E Manacéa me dizia para fazer o que vinha no coração'

enraizado. "O Cláudio Jorge disse que nós gravamos esse álbum à moda antiga. Ele está certíssimo e foi muito prazeroso", completa.

O título, inspirado em uma visita à Nigéria, remete a uma expressão iorubá que simboliza bons presságios. "Essa viagem me fez compreender muita coisa. Antes, eu resistia a compor em iorubá por associá-lo à tradição baiana, mas hoje vejo que o samba nasce e renasce em muitos lugares", explica. A viagem também o fez voltar ao tempo. "Era como voltar à infância. As crianças parando de brincar para ajudar as senhoras mais velhas a carregar compras. Algo que se via muito na

vida do subúrbio", recorda.

A influência ancestral se reflete em faixas como "Meu Destino, Meu Ifá", uma profissão de fé composta com Rogério Lessa; e "A Onça Morreu, O Mato É Nosso", parceria com Marlon Sette. O álbum resgata ainda "Raiz da Memória", samba-enredo apresentado na Portela em 2021. "Quando perdi a disputa com esse samba, o Cláudio Jorge veio me dizer que esse não era um samba pra avenida, mas para ser gravado. Aqui está ele", rememora, ao falar deste samba que soa vindo de outros tempos.

Embora tenha recebido convites para



Divulgação

compor em outras agremiações, Marquinhos explica que não saberia escrever para uma escola que não fosse a azul e branco do bairro que carrega em seu nome artístico. "O que vai pro mundo é o retrato daquele lugar", defende o sambista que criou dois projetos de preservação da memória de seu povoado: o Trem do Samba e a Feira das Yabás.

O primeiro reúne artistas de todas as vertentes num trem que parte da Central do Brasil rumo a Oswaldo Cruz tocando e cantando. Em cada vagão, cantores e músicos se apresentam para o público neste evento anual realizado na semana em que se comemora o Dia Nacional do Samba. O projeto remonta à tradição iniciada por Paulo da Portela que fugia da repressão ao samba tocando nos trens. "A única exigência que fazemos para quem vai participar é que só toque samba nos vagões", garante.

E a Feira das Yabás é um espaço de preservação de valores culturais da região de Oswaldo Cruz e Madureira com muito samba, apresentações de jongo, gastronomia, moda e artesanato na Praça Paulo da Portela, junto à Portelinha, a antiga sede da tradicional escola de samba. É um hub preto por excelência.

Voltando ao álbum, Marquinhos canta em "Agbo Ato" o amor pelos seus como nas românticas faixas dedicadas à companheira Maria Machado, como "O Sonho dos Meus Versos" e "A Luz de um Novo Dia".

A obra se destaca também pela regravação de "Boiadeiro", partido-alto de Ventura lembrado por Paulinho da Viola em um evento do Trem do Samba. "Na hora dos versos, a melodia também ganhava improvisos, uma tradição que resgatamos na gravação", explica Marquinhos. "Depois pedi ao Paulinho para lembrar esse partido alto e gravei ele cantando para poder colocar no disco", conta.

"Agbo Ao" reafirma o trabalho incessante de Marquinhos de Oswaldo Cruz na valorização do samba e suas raízes. Um trabalho que transita entre a história e o hoje, pois o samba sempre estará entre nós.

CRÍTICA / NOVELA / VALE TUDO

Reprodução TV Globo

Por Silas Martí (Folhapress)

Não é um desastre. O primeiro capítulo do remake de “Vale Tudo” mostrou dinamismo e potencial, em contraste com o medo de todos que gostamos de novela tínhamos de ver, no horário nobre, um pastiche raso dessa que foi a maior novela de todos os tempos, escrita pelo maior roteirista que a nossa televisão já teve, Gilberto Braga.

Reconstruir “Vale Tudo” é mexer na arquitetura de um monumento. Difícil estar na pele desses que precisam reinventar a trama, o diretor Paulo Silvestrini e a roteirista Manuela Dias, mas a estreia da nova versão mostra bem a tentativa de equilíbrio entre uma reverência ao passado, com frases quase idênticas às do original, e uma tentativa necessária de atualização do enredo para um mundo já distante da realidade analógica oitocentista.

O que não está distante nem fora do radar são os conflitos que movem a trama. Em tempos que se discute no Congresso uma anistia a vândalos que depredaram Brasília numa trama golpista, a pergunta se vale a pena ser honesto no Brasil continua atual.

Talvez não valha a pena ser honesto em lugar nenhum de um momento incendiário como esta década, e reside nisso a robustez ou a fraqueza que esse enredo revisitado vai demonstrar nos próximos meses.

“Vale Tudo”, afinal, não é, como já afirmou Dias, só a história de uma aposta entre uma mãe e sua filha. É um dos retratos mais fiéis à realidade do país já construído, a quente, na tela da televisão, a dissecação de nossos valores, as nossas entranhas mesquinhas, nossos dramas mais doídos.

Que uma mãe e uma filha estejam no centro da trama é só artifício dramático para mover o arco narrativo, enquanto ao redor dessa mãe e dessa filha o país afunda e tropeça.

É arriscado fazer previsões a partir das primeiras cenas, mas é nítido



Antônio Pitanga, Thaís Araújo e Bella Campos em cena do primeiro capítulo do remake de ‘Vale Tudo’, que ainda não teve a presença dos Roitman

Equilíbrio entre o passado e o presente

que a escalção de Taís Araújo como Raquel, papel que no original foi de uma hoje canceladíssima Regina Duarte, foi um acerto - da mesma forma que ela revidar o tapa na cara que leva do marido, o que não acontece na versão original, tenta mostrar que certas coisas podem ter mudado nas últimas décadas.

Araújo é uma atriz cheia de marra que parece à vontade na pele dessa mãe que vai comer o pão amassado pelo diabo da filha. Já a filha, Maria de Fátima, teve a escalção mais contestada por fãs da novela original. Bella Campos, que

não brilhou nas chamadas do remake e virou alvo de memes maldosos, não decepciona tanto na estreia.

Sua química com Cauã Reymond, outra escolha acertada no papel do delicioso cafajeste César, que já foi de Carlos Alberto Riccelli, parece mais que estabelecida já na estreia, embora o papel encarnado por Glória Pires na primeira versão vá exigir nervos de aço de Campos, isso porque é ela quem faz toda a trama girar.

No enredo de Gilberto Braga, o arrivismo de Maria de Fátima é o elo entre os miseráveis e os super-

ricos, ou seja, está sobre os ombros de Campos a responsabilidade de recriar, com a vilã Odete Roitman, agora vivida por Débora Bloch, toda a eletricidade que marcou os embates de então, o abismo entre ter ou não ter, ser ou não ser, que atravessa tantas tramas do autor do folhetim original - como Manuela Dias vai reinterpretar isso é a questão.

O clã dos Roitmans, aliás, não aparece no primeiro episódio, e nos trailers já divulgados Bloch não parece tão à vontade na casca grossa que Beatriz Segall criou para

a maior vilã de todos os tempos. A fragilidade de uma atriz jovem e ainda inexperiente num dos principais papéis de uma trama das nove e o desconforto que é reencarnar uma figura como Odete, mesmo para uma atriz sensacional como Bloch, pode ser o grande ponto fraco do remake.

Futurologia à parte, o primeiro capítulo mostra a ambição do elenco e da direção. Estão todos afiados, e a direção de arte tem a exuberância prometida pelo diretor, que diz ter buscado sua paleta de cores na obra de artistas como Adriana Varejão e Leda Catunda.

Outros artistas que voltam a brilhar são Cazuzu e Gal Costa. É bom que não mudaram o tema de abertura escrito pelo compositor, tão potente na voz de Gal. Lembrar a cara retrô da vinheta original, embora sem algumas de nossas catástrofes mais recentes na política e no meio ambiente, também é um aceno aos saudosistas, que vão rondar esse remake como cães farejadores. A ver que cara o Brasil vai mostrar nesta nova “Vale Tudo”.

Humberto Araújo/Divulgação



'Alaska' é marcada por um encontro inesperado entre dois personagens isolados numa cabana, trazendo à tona questões de dor, perda e redenção



Dois senhores dos palcos

Os Rodrigues Portella e Pandolfo briham com seus espetáculos em sessões esgotadas no primeiro fim de semana do Festival de Curitiba

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

El Cid, cujo nome completo era Rodrigo Díaz de Vivar, foi um famoso cavaleiro castelhano do século XI. Nascido por volta de 1043 em Vivar, perto de Burgos, faleceu em 1099 em Valência. O apelido “El Cid” deriva do árabe “Al-Sayyid”, que significa “O Senhor”, enquanto “Campeador” significa “Campeão” ou “Guerreiro Vitorioso”. Pois o Brasil tem não um, mas dois “El Cid” modernos: os dois Rodrigues, Portella e Pandolfo, senhores absolutos das artes cênicas, que constroem espetáculos memoráveis, com inteligência e talento na realização.

“Ray - Você Não me Conhece”, de Portella, e “Alaska”, de Pandolfo, transformaram o fim de semana do Festival de Curitiba de 2025 numa celebração vibrante das artes cênicas, reunindo uma diversidade de



Annelize Tozetto/Divulgação

Em 'Ray - Você Não Me Conhece', Flávio Bauraqui se destaca num elenco em que todos os atores entregam performances impecáveis que capturam a alma e o espírito inovador do músico

espetáculos e atividades que refletem a riqueza cultural do Brasil e de outros países.

O musical “Ray – Você Não Me Conhece” retrata a trajetória de Ray Charles, desde seus primeiros

passos na música até sua consagração como um dos maiores ícones do cenário musical. No contexto brasileiro, a produção é emocionante e vibrante, celebrando a vida e a carreira de Ray Charles, um dos maiores ícones da música soul e rhythm and blues.

Criada por Rodrigo Portella e produzida por Felipe Heráclito Lima — uma espécie de Rei Midas dos espetáculos, pela impecabilidade de suas produções — a peça apresenta interpretações extraordinárias e uma energia contagiante, transportando o público para o universo apaixonante e desafiador de Ray.

Com um elenco talentoso e carismático, destaque para Flávio Bauraqui, os atores entregam per-

formances impecáveis que capturam a alma e o espírito inovador do artista. A direção criativa proporciona um espetáculo visual deslumbrante, com coreografias eletrizantes e uma cenografia que recria com precisão a atmosfera da época. A produção musical é de altíssimo nível, com arranjos autênticos e interpretações vocais arrebatadoras, fazendo jus ao legado inesquecível de Ray Charles.

O espetáculo mergulha nas lutas pessoais e artísticas de Ray, abordando temas como superação, preconceito e resiliência, enquanto homenageia sua genialidade e paixão pela música. O público sai profundamente emocionado e inspirado, carregando consigo a memória de um espetáculo grandioso e inesquecível.

Ator extremamente talentoso e carismático, Rodrigo Pandolfo destaca-se por sua versatilidade e entrega emocional em cena. No musical “Alaska”, ele brilha não apenas na atuação intensa, mas também na sua estreia como diretor, conduzindo o público por uma jornada emocional profunda e complexa.

A peça, uma adaptação da obra “Brilliant Traces” de Cindy Lou Johnson, estreou no Teatro Poeira, em outubro de 2024. A história é marcada por um encontro inesperado entre dois personagens isolados numa cabana no Alasca, trazendo à tona questões de dor, perda e redenção.

Pandolfo se sobressai tanto na interpretação quanto na direção, oferecendo ao público uma experiência sensorial poderosa e autêntica. A química entre os atores e a atmosfera intimista tornam a peça inesquecível.

Ambos os espetáculos tiveram lotação esgotada e filas à porta, com o público aguardando alguma desistência. As apresentações arrancaram minutos de aplausos de pé, encantando plateias que se deixaram envolver pela força das histórias e pela excelência artística.

Assim, o Festival de Curitiba reafirma seu papel como o maior evento na área das artes cênicas, trazendo uma programação de primeira linha e extraordinariamente diversificada.

Sônia Góes

Joaquim Paiva



Luis Teixeira Mendes



Dani Soter

Os trabalhos expostos na exposição traz a memória e o esquecimento na arte e, em especial, na fotografia

Entre a memória e o esquecimento

Coletiva na Galeria Ponto G reúne intervenções a partir de registros fotográficos

Por **Affonso Nunes**

Henri Cartier-Bresson (1908-2002), o mestre francês da fotografia, a definia como “a captura do instante decisivo”. Para ele, a essência da fotografia estava em reconhecer, no momento exato, a harmonia perfeita entre composição, luz e significado. Ou seja, a fotografia não deveria ser apenas um registro, mas sim uma forma de contar histórias através de um olhar sensível e atento à espontaneidade da vida. Esse instante decisivo, porém, que se julgava eterni-

zado também pode nos trazer algo que se perdeu, se esqueceu.

A Galeria Ponto G – Retrato Espaço Cultural, na Glória, inaugura nesta sexta-feira (4) a exposição “Era uma Vez...”, coletiva que explora a memória e o esquecimento a partir de intervenções artísticas sobre registros fotográficos.

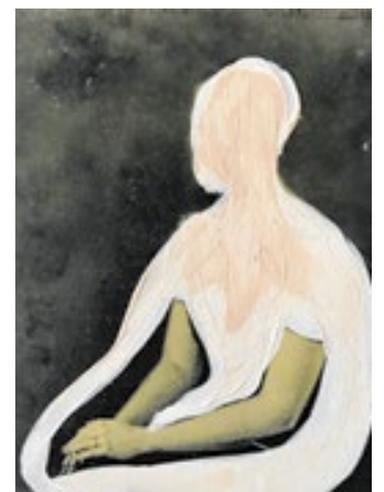
Os fotógrafos Claudia Tavares, Dani Soter, Joaquim Paiva, Juscelino Bezerra, Luis Teixeira Mendes, Nino Rezende e Sonia Góes apresentam obras que nos levam a questionar o que a fotografia guarda de memória, quais lembranças escolhemos preservar



Nino Rezende

e quais deixamos para trás. De forma instigante, os trabalhos provocam reflexões e despertam narrativas que emergem com histórias carregadas de emoção, convergindo assim com o pensamento de Cartier-Bresson.

Com imagens próprias ou arquivos encontrados, as obras convidam o público a revisitar memórias, ponderar sobre os efeitos do tempo e refletir sobre como os relatos do passado acabam por influenciar aquilo vivemos no tempo



presente. A exposição se destina, por meio dessas imagens impressas em materiais diversos, a revelar ao espectador presenças que já desapareceram.

SERVIÇO

ERA UMA VEZ

Galeria Ponto G – Retrato Espaço Cultural (Rua Benjamin Constant, 117, Glória)

De 4/4 a 4/5, de quarta a sábado (17h às 22h) e domingos (13h às 21h)

Entrada franca